



# CIDADES INOVADORAS E SUSTENTÁVEIS

O relatório “Cidades Europeias Inovadoras e Sustentáveis” pretende ser uma avaliação global integrada na análise do Programa Inovações para o Ambiente Urbano, da Fundação.

É constituído por quatro partes.

- A Primeira Parte discute a natureza da inovação, a noção de melhor prática, valores de referenciação urbana e a necessidade de uma definição mais alargada de sustentabilidade.
- A Segunda Parte propõe uma metodologia e taxonomia de avaliação das inovações urbanas, pondo em destaque o modo como as mudanças de conceito, como a própria ideia de sustentabilidade, produzem com um efeito de cascata inovações urbanas e melhores práticas .
- A Terceira Parte apresenta uma síntese relativamente a uma cidade heterogénea sustentável ideal, pondo em destaque uma vasta gama de inovações e boas práticas existentes em cidades europeias, o que é considerado útil dado que permite às cidades o estabelecimento de valores de referência relativamente ao seu desempenho, a explicação das tendências nas inovações urbanas e a identificação de lacunas relativamente às quais poderá ser desejável a introdução de mais inovações.
- A Quarta Parte é uma combinação de tudo o que foi anteriormente exposto, tirando conclusões gerais e indicando a área em que poderão ocorrer os passos seguintes em matéria de inovação e qual a forma previsível de evolução das bases de dados sobre melhores práticas no futuro.

O relatório baseia-se em uma vasta gama de informação sobre inovações urbanas, incluindo 105 projectos inovadores que foram referidos como sendo exemplos das melhores práticas no programa da Fundação; 116 exemplos da União Europeia da base de dados Habitat das Nações Unidas; 100 iniciativas empresariais para a aplicação da Declaração Europeia da Rede de Empresas contra a Exclusão Social (EBNSC); mais de 70 exemplos da base de dados da Euronet e do Conselho Internacional de Iniciativas Económicas Locais; 60 exemplos de Boa Prática em Desenvolvimento Urbano, elaborados pela Academia Europeia do Ambiente Urbano em Berlim. Estes exemplos foram suplementados por muitas outras fontes, incluindo exemplos que eram conhecidos dos autores, mas que não estão documentados e, ainda, exemplos fornecidos pelo “Prince of Wales Business Leaders Forum” e pela “Social Venture Network Europe”.



### ■ Explicação do processo de inovação

Os autores fazem referência às diversas tradições que presidem aos artigos sobre inovação e à variedade das definições - muitas delas utilizando a formulação clássica de Schumpeter, a exploração comercial de uma invenção (Schumpeter 1939). O relatório discute obras recentes sobre inovações, como a de Tudor Rickards, segundo a qual a inovação é um processo que começa com uma ideia criativa e que termina com a sua execução, a partir de cujo momento passa a constituir rotina (Rickards 1990, 1991, 1996). A criatividade é importante em todas as fases. Também é importante notar que as inovações também têm ciclos de vida: uma coisa pode ser inovadora numa determinada altura, mas posteriormente poderá necessitar de ser adaptada e reinventada.

Uma vez que os assuntos urbanos são, em larga medida, geridos por entidades públicas, não procuram normalmente, nem necessariamente, obter um retorno comercial directo; assim, os critérios para julgar as inovações urbanas poderão ser diferentes dos critérios comerciais normais. Os critérios poderão envolver argumentos positivos de índole pública e as acções poderão incluir: reduções na utilização de recursos ou dos níveis de poluição; fomento da coesão social e redução da fragmentação social; influência no sentido de mudanças de comportamento, como a cessação da utilização de carro próprio e início da utilização dos transportes públicos; maior apreço pelos benefícios potenciais do entendimento entre culturas; estímulo de novos tipos de actividade comercial. No entanto, importa referir que estas iniciativas poderão resultar em benefícios comerciais a longo prazo para as cidades envolvidas, dado que fazem aumentar os atractivos destas, a sua competitividade e a qualidade de vida proporcionada pelas mesmas.

Assim, a nossa definição de inovação tem uma grande amplitude: inovação é a concretização prática de uma ideia nova, quer a nível comercial, quer a nível público e voluntário. Refira-se que aquilo que é inovador para uma cidade poderá ser do conhecimento geral noutra cidade e, em certa medida, a inovação depende de quem a vê. Mas é possível julgar o grau de inovação sob uma perspectiva de âmbito europeu, e é isso que o relatório procura fazer.

### ■ Melhor prática e valores de referência

O interesse pelas inovações urbanas coincide com a preocupação no sentido da “melhor prática” e “valores de referência” urbana; e a Fundação foi pioneira neste campo. O consenso é que ‘melhor prática’ significa essencialmente “bons projectos que

resultaram noutros locais e que são replicáveis na minha cidade”, particularmente através de uma execução activa ou do “aprender fazendo”.

### ■ Sustentabilidade urbana

A noção de sustentabilidade surgiu originalmente na esfera ambiental, granjeando credibilidade a nível mundial primeiro através do Relatório Brundtland de 1987 e, seguidamente, através da Cimeira do Rio, em 1992, e da criação da Agenda 21. No entanto, a Cimeira Mundial para o Desenvolvimento Social das Nações Unidas, realizada em 1995, em Copenhaga, veio reforçar a nova ideia de que a sustentabilidade também contém dimensões sociais importantes. No presente relatório, a sustentabilidade é discutida como um conceito abrangente com dimensões ambientais, económicas, sociais e culturais, em resumo, como sustentabilidade múltipla. A sustentabilidade urbana providencia a uma cidade, por conseguinte, capacidades para se ajudar a si própria, para ser flexível e ter capacidade de resposta à medida que as circunstâncias forem mudando.

### ■ Taxonomia e avaliação das inovações urbanas

O relatório cria uma “matriz de inovação” como meio de localizar a génese dos focos de inovação. As inovações implicam uma certa medida de pensamento criativo: a capacidade para ver um problema sob uma nova perspectiva, talvez inclusivamente, através da reformulação do mesmo como sendo um problema bastante diferente com uma gama bastante diferente de soluções possíveis. Por vezes, este aspecto pode ser extremamente importante, como quando foi sugerido que a melhor maneira de tratar uma doença mental é fora dos hospitais psiquiátricos, ou que o planeamento do tráfego não consiste em adaptar a cidade ao carro, mas em restringir o seu uso, de forma a manter o ambiente da cidade. Outras vezes, é de ordem secundária, não resultando numa viragem paradigmática profunda mas, mesmo assim, suscitando uma redefinição do problema e possibilitando, desse modo, uma gama diferente de soluções.

Existe todo um leque de soluções inovadoras; o seu número varia consoante os critérios; porém, é útil distinguir pelo menos sete níveis: a mudança metaparadigmática, que é uma forma totalmente nova de ordenamento da realidade e de conceptualização do mundo; a noção de sustentabilidade é o exemplo mais óbvio dos últimos anos; a mudança paradigmática, uma redefinição de base de um problema num determinado campo, como nos transportes; uma inovação básica, que é uma nova forma de atingir um objectivo específico; melhor prática, uma realização notável de um



projecto; boa prática, uma realização que satisfaz um valor de referência padrão; prosseguimento de uma prática que tem fraquezas reconhecidas e prática inaceitável, que funciona deliberadamente contra o princípio do desenvolvimento sustentável.

Há uma lista muito longa de tópicos potenciais ou áreas da política em que é possível avaliar o grau de inovação das iniciativas, incluindo:

- tráfego, por exemplo, restrição ou transportes públicos;
- comunicações, por exemplo, dotação da cidade com um sistema de cabos;
- regeneração económica, por exemplo, mudança de uma cidade que passa da indústria para os serviços ou desenvolvimentos a nível de indústrias específicas;
- fomento da coesão social;
- criação de fórmulas de habitação e meios de construção;
- infra-estruturas, por exemplo, novas formas de sistemas de saneamento mais sustentáveis;
- lazer, por exemplo, repensar a utilização e a finalidade dos parques;
- actividades culturais, por exemplo, a ideia da cidade-festival;
- espaços públicos e criação de territórios partilhados;
- governação urbana, por exemplo, novas formas de participação e democracia;
- novas estruturas organizativas para fazer face a necessidades futuras;
- indicadores, acompanhamento, avaliação e definição de valores de referência.

#### ■ Dilemas no repensar de inovações urbanas

Uma série de quadros anexos à Segunda Parte ilustra como funciona a matriz de inovação em dez domínios desse tipo e de que modo o pensamento criativo e a reconceptualização dos problemas conduziram a uma série de inovações e melhores práticas. Além disso, é feita uma referência especial a uma série de áreas problemáticas e dilemas estratégicos no planeamento da inovação, incluindo:

Multiplicidade das dimensões: as inovações podem dizer respeito: a produtos finais, tecnologia utilizada e procedimentos aplicados; a processos, como a consulta; mecanismos de execução, formas de redefinição do problema, identificação do público-alvo; à forma de conseguir impactos a nível do

comportamento e ao modo como são encarados determinados contextos profissionais.

Factor tempo / espaço: as inovações são criadas, e emuladas, normalmente, em períodos determinados e num espaço geográfico determinado. Determinadas inovações só podem verificar-se se as condições objectivas forem adequadas à sua realização.

Relatividade cultural: os princípios que presidiram à ideia de desenvolvimento sustentável têm aplicação quaisquer que sejam as circunstâncias culturais e locais?

Aglomerados de inovação: as inovações não surgem necessariamente de forma isolada; pelo contrário, parecem aglomerar-se em determinados locais em determinados períodos. O relatório identifica uma série desses aglomerados.

Replicabilidade: muitos projectos parecem ser replicáveis em princípio, mas não o são realmente, devido a tradições, nível de desenvolvimento e grau de sensibilização numa determinada cidade e no seu contexto natural.

Fraquezas imprevistas: à medida que é criada uma melhor prática, poderá acontecer que, com o decorrer do tempo, sejam postas a descoberto fraquezas imprevistas ou invisíveis que poderão, por sua vez, exigir inovação adicional para solucionar as causas recentemente descobertas de um determinado problema.

Tornar as instituições inovadoras: as instituições propriamente ditas são fontes importantes de potencial inovador e podem ser transformadas em centro de inovação. Isto poderá significar, por exemplo, uma alteração dos processos através dos quais as entidades locais funcionam.

#### ■ A cidade sustentável ideal

Na Terceira Parte, é desenvolvida uma série de “casos ideais” de cidades sustentáveis e inovadoras, com base nas melhores práticas e inovações numa série de domínios de actualidade. O primeiro aspecto que nos chamou a atenção foi o facto de as melhores práticas normalmente se verificarem em determinadas áreas - num grau impressionantemente elevado no que diz respeito a questões de sustentabilidade ambiental, como transportes, gestão dos resíduos ou energia e, o segundo, foi o facto de as melhores práticas tenderem a aglomerar-se em torno de localidades geográficas específicas, como Baden Württemberg e Emilia-Romagna, já sobejamente conhecidas devido à inovação noutros domínios, como o desenvolvimento industrial.



Os “casos ideais” são listados de acordo com as categorias principais desenvolvidas na Segunda Parte: ambiente (transporte e utilização dos solos; energia, resíduos e emissões de gases, preservação e valorização dos ecossistemas, educação e divulgação, gestão urbana); economia (mecanismos financeiros, criação de emprego, empresas socialmente responsáveis); social (capacitação e ambientes humanizados); cultural (identidade, especificidades locais e orgulho cívico; coesão social, entendimento entre culturas e entre gerações; melhoramento das competências, regeneração urbana e cultural). A análise demonstra que, até à data, as melhores práticas no domínio da sustentabilidade se concentraram em larga medida nas questões ambientais. Daí a pergunta: por que razão é que, se uma cidade é capaz de desenvolver uma melhor prática de trabalho num domínio, e se conhecem melhores práticas noutros locais, não poderá desenvolver melhores práticas semelhantes em toda a gama da sustentabilidade?

#### ■ Iniciativas ambientais

Muitas vezes, várias cidades que parecem estar a adoptar políticas muito semelhantes: no domínios dos transportes, zonas de trânsito com velocidade limitada a 30 km/h, correspondência entre serviço de eléctricos rápidos e metropolitano, passes para transportes, redes densas de pistas para ciclistas com prioridade em cruzamentos assinalados; no domínio da energia, auditorias de energia abrangendo toda a cidade, “ilhas” de aquecimento comunal com base na co-produção de calor e energia, tarifas de energia progressivas concebidas para penalizar consumos exagerados; no domínio dos resíduos / emissões de gases: recolha separada de resíduos orgânicos, controlo da qualidade atmosférica a nível de toda a cidade. As cidades que adoptam inovações semelhantes tendem a estar aglomeradas em termos geográficos - por exemplo, as “cidades inovadoras no domínio dos transportes” no sudoeste da Alemanha, na zona leste da França e na zona norte e centro da Suíça (Karlsruhe, Freiburg, Mulhouse, Basileia, Zurique) e zona norte central de Itália (Bolonha, Perugia, Orvieto, Spoleto) e as “cidades inovadoras no domínio da energia” no sul da Alemanha, no norte da Suíça e na Áustria (Saarbrücken, Zurique, Viena). Outras inovações, como a prioridade para as bicicletas, o aquecimento solar, ou a recolha separada de resíduos orgânicos, parecem ter uma divulgação mais alargada. Em alguns casos, a explicação poderá encontrar-se na pressão dos acontecimentos: assim, o Sul da Alemanha tem algumas das percentagens mais elevadas de carros particulares da Europa, apesar de nem todas as cidades daquela zona terem um grau de

inovação idêntico. Noutros casos, a explicação torna-se mais difícil: as soluções que envolvem energia solar não parecem estar aglomeradas em cidades com mais sol, nem as soluções que envolvem energia são geralmente aplicadas nas cidades mais frias.

#### ■ Iniciativas económicas

No domínio da economia, os temas comuns dizem respeito a: fornecimento de acesso a capital a comunidades marginalizadas; melhoria da formação para as pessoas que têm dificuldade em encontrar emprego; promoção da integração racial dentro das empresas; criação de iniciativas de empresas não poluentes; descoberta de meios inovadores de evitar despedimentos e de criar novos empregos. A popularidade destes esquemas depende de dois factores: em primeiro lugar, da natureza do debate acerca da responsabilidade das empresas em cada país e, em segundo lugar, das estruturas de incentivo existentes nas cidades, regiões ou países. Dado que muitas destas iniciativas dependem das actividades das empresas, não identificámos cidades ou regiões específicas em que estas se encontrem aglomeradas de forma específica.

#### ■ Iniciativas sociais

No domínio social, a capacitação constitui o elemento-chave, havendo uma série numerosa de iniciativas que envolvem as pessoas de uma forma mais directa na tomada de decisões, mas não de uma forma simbólica, especialmente nas zonas mais desfavorecidas. Isto é conseguido através de uma série de processos de consulta. Têm sido desenvolvidos esforços especiais numa procura crescente de soluções inovadoras para resolver o problema dos sem-abrigo, especialmente através de iniciativas de auto-ajuda das quais, provavelmente, a revista “Big Issue” será um óptimo exemplo, dado que foi replicado em muitos países. Neste caso, os vendedores da revista ficam com parte do preço de capa, o que os ajuda a criar as suas vias de oportunidade. De igual modo, o sistema dos “foyers” (lares) criado em França, em que o alojamento e a formação são integrados, também foi replicado. Outro tema é a inclusão de crianças, mulheres ou idosos no processo de planeamento, com um maior grau de consciencialização. Os países nórdicos, em particular, estão avançados neste domínio, apesar de também terem sido constatadas iniciativas interessantes deste tipo em locais como Viena.

#### ■ Iniciativas culturais

Só há pouco tempo as pessoas começaram a constatar que o conhecimento da cultura local desempenha uma função-chave em termos de sustentabilidade urbana. Isto significa o

reconhecimento de que a celebração das características únicas de cada local tem um impacto enorme na motivação, identidade e bem estar dos cidadãos. Pode ser fomentado através de eventos e da criação de locais e espaços que tenham um verdadeiro valor para as pessoas locais. São muitos os exemplos, desde a multiplicidade dos festivais, à redescoberta das tradições locais, programas de orgulho cívico; acontecimentos que reúnem as gerações ou que juntam culturas diferentes. Um resultado importante que foi constatado é o modo como alguns programas culturais dão origem a obras de regeneração. É o que sucede, muitas vezes, quando artistas tomam conta de edifícios devolutos, desencandeando, desse modo, toda a espécie de actividades económicas e sociais relacionadas. É possível encontrar exemplos deste tipo em toda a Europa, entre os quais os “Häckische Höfe”, em Berlim, “The Cable Factory” em Helsínquia, o “Temple Bar”, em Dublin, ou a “Custard Factory”, em Birmingham.

#### ■ Arranque da inovação

Na última parte, procuramos apresentar de forma resumida as lições principais retiradas do estudo, e pensamos que é importante que as cidades aprendam para poderem continuar a inovar em prol da sustentabilidade.

Pensamos que poderão estar a surgir dois novos paradigmas básicos:

1. “Fazer mais com menos” e
2. Passar da sustentabilidade a um só nível para a sustentabilidade múltipla.

#### ■ “Fazer mais com menos”

Trabalhos recentes do Clube de Roma, especialmente a publicação da obra “Factor Four - Doubling Wealth, Halving Resource Use” (Factor Quatro - Duplicar a Riqueza, Reduzir a Utilização dos Recursos para Metade) sugere que é possível extrair pelo menos o quádruplo da riqueza dos recursos que estão a ser actualmente utilizados, através da utilização do princípio do “fazer mais com menos”. Incluem-se aqui a produção dos hipercarros, a rega subterrânea gota a gota, as transacções comerciais por via electrónica, que permite a redução dos custos de deslocação. Mas, segundo refere o relatório, as formas actuais de fazer as coisas mantêm as profissões sob uma mão de ferro. Se esta situação puder ser ultrapassada, o “Factor Quatro” poderá criar uma forma de eco-capitalismo rentável envolvendo todos os actores de uma cidade - empresas, entidades locais e consumidores - trabalhando em conjunto para tornarem a sua cidade mais sustentável. Este

conceito torna-se particularmente interessante dado que apela ao próprio interesse das empresas para se tornarem mais sustentáveis, por ser potencialmente rentável.

#### ■ Da sustentabilidade a um só nível à sustentabilidade múltipla

A nível local, conforme indicado na Terceira Parte, a sustentabilidade continua a ser, em grande medida, interpretada em termos ambientais, apesar de haver um reconhecimento crescente de que a sustentabilidade social e económica faz parte integrante do desenvolvimento de uma sociedade sustentável. São muito poucos os projectos referidos nas bases de dados que revelam uma abordagem múltipla relativamente à realização da sustentabilidade em todas ou na maioria das dimensões:

- Quartiers en Crise (Bélgica)
- Kemi-Tornio (Finlândia)
- Berlin-Prenzlauer Berg
- Munich-Riem
- Duisburg-Marxloh
- Freiburg (Forum Vauban)
- Oslo (parte antiga da cidade)
- Vitoria (Espanha)
- Parque Emscher (Ruhr, Alemanha)

A partir destes estudos de casos, concluímos que, para as cidades criarem políticas multidimensionais de sustentabilidade, há que dar vários passos importantes:

1. Garantir a inclusão de uma noção integrada de sustentabilidade na prática organizativa;
2. Repensar cada aspecto daquilo que acontece numa zona urbana, para avaliar, de que forma cada aspecto contribui para a sustentabilidade;
3. Criar projectos visíveis que solucionem o problema de a sustentabilidade não poder normalmente ser vista;
4. Desenvolver e definir um novo público-alvo, especialmente entre as empresas: a próxima inovação-chave será encontrar uma forma de fazer com que a actividade comercial sustentável pareça fazer sentido em termos comerciais.

#### ■ Fazer com que as coisas aconteçam: quatro elementos-chave

Identificámos quatro elementos-chave na execução:



## 1. Novos actores, novas funções

Muitas vezes, a inovação não provém de organizações estabelecidas mas de outros, incluindo radicalistas e activistas que foram capazes de “antever” futuros estilos de vida possíveis, que influenciaram os padrões de comportamento convencionais produzindo um efeito de cascata lento. O aspecto mais digno de referência aqui foi a noção de auto-suficiência e de reciclagem prática. Esses grupos de pressão conseguiram fazer com que questões subjacentes, como o viver ecológico, a habitação social, os mecanismos de financiamento alternativos ou os conceitos de reciclagem fossem trazidos para o debate político. O seu ponto fraco é o facto de geralmente lhes faltarem os recursos necessários à execução das suas ideias, e quando tal sucede, surgem problemas de continuidade e de sustentabilidade. Por esta razão, a sua relação face à estrutura oficial e a sua aceitação por parte desta tornam-se cruciais.

A ideia de empresa ligada à sustentabilidade urbana parecia ser, até há pouco tempo, paradoxal. No entanto, a comunidade empresarial tem vindo a desenvolver a ideia da responsabilidade empresarial. Ao mesmo tempo, à medida que o Estado-providência clássico começou a ser ameaçado, as cidades viram-se na necessidade de mudar. Assim, o conceito de parceria passou a ser crucial, afectando, por sua vez, a forma como muitas empresas começam a pensar acerca daquilo que produzem e de que forma o produzem.

Há determinados tipos de organização que poderão desempenhar um papel-chave na ultrapassagem de tais barreiras. Essas mesmas organizações constituem uma forma de inovação, dividindo-se em quatro categorias distintas:

- Think Tanks (grupos de peritos)
- Inspiradores como “Common Ground”
- Empresas de consultoria para acção, como a Econtur em Bremen, ou a URBED, no Reino Unido
- Grupos empenhados em campanhas: Friends of the Earth ou Greenpeace
- Grupos de acção, por exemplo, Groundwork, Friends of the Earth
- Fornecedores de apoio de retaguarda: ICLEI (Conselho Internacional para Actividades Económicas Locais), agora uma rede de âmbito mundial, e fornecedores de bases de dados semelhantes

- Redes: a Rede Europeia de Empresas para a Coesão Social; o Centro da Fundação Europeia em Bruxelas, que tem um Grupo de Iniciativas de Cidadãos-Empresa; ou redes especificamente orientadas para o ambiente, como, a International Hotels Environmental Initiative.

Função idêntica é desempenhada por indivíduos dedicados ou empenhados que, muitas vezes, combatem as máquinas burocráticas instituídas. Este aspecto sublinha a importância do papel desempenhado pela crise na origem da inovação. O regime regulamentar e os incentivos criados pelas entidades governamentais ao providenciarem oportunidades e incentivos ao alargamento do ciclo de inovação são cruciais para maximizar o potencial dos vários actores para operarem em formas mais sustentáveis nos seus ambientes urbanos, quer se trate de cidadãos, empresas ou sindicatos.

## 2. Novos Incentivos, novos modos de regulamentação

A próxima área de intervenção da inovação irá provavelmente ser no domínio da regulamentação e da criação de incentivos como: fornecimento de estruturas de desconto para uma utilização eficiente da energia, utilização de esquemas de compromisso para a realização de objectivos de sustentabilidade, como o aumento dos impostos sobre combustíveis para apoiar os transportes públicos; controlos mais apertados e mecanismos de garantia para instituições bancárias oligopolistas; disponibilização de novas iniciativas como a recompensa do voluntariado.

## 3. Integração: eliminação das barreiras da especialização

As inovações que irão provavelmente provocar alguns dos impactos mais positivos na fase seguinte são aquelas que integram muitos aspectos de sustentabilidade num só projecto. Isto tem implicações importantes na forma como as cidades dirigem os seus assuntos: em primeiro lugar, precisam de diversificar a sua base de competências, em segundo lugar, deverão proporcionar reciclagem profissional ao pessoal existente para que este possa adoptar uma visão mais alargada, ‘holística’ e, em terceiro lugar, deverão criar novos tipos de departamentos que abranjam um conjunto mais alargado de questões. E há que reexaminar a estrutura de gestão existente, em que são os vereadores eleitos, não remunerados, que dispõem de controlo sobre os assuntos urbanos; os grupos que actualmente estão excluídos, como as organizações voluntárias e os grupos de interesse, precisam de assumir um verdadeiro protagonismo numa nova forma de democracia participada.



#### 4. Difusão da melhor prática: o papel dos fluxos de informação

Uma vez que estas inovações de base tenham sido introduzidas, é natural que dêem origem a outras. No início do relatório mencionámos que a “melhor prática” pode ser encarada de duas formas: primeiro, como melhor prática a nível europeu, da qual haverá apenas alguns exemplos e, em segundo lugar, como melhor prática num contexto específico. Neste último caso, o enorme desafio que se coloca é, simplesmente, o de elevar a maioria das cidades europeias, grandes e pequenas, ao nível das que apresentam um melhor desempenho. Isto exige uma mudança da tónica no sentido de promover a melhor prática de forma ainda mais intensa, e pensar e avaliar de forma aprofundada o meio de divulgação mais eficaz.

Uma recomendação importante a fazer é a necessidade de uma avaliação relativamente à utilização e impacto das bases de dados, aliada a uma avaliação rigorosa de todos os outros meios através dos quais as cidades aprendem umas das outras, incluindo aquilo que existe em matéria de redes, conferências e reuniões. As bases de dados têm desempenhado um papel-chave na divulgação da inovação, mas debatem-se com inúmeros problemas de natureza técnica (como a utilização de critérios, a necessidade de manter um equilíbrio entre especificidade e generalidade, a origem dos dados, a ausência de dados históricos a longo prazo, o que resulta na exclusão de alguns dos casos mais conhecidos de inovação urbana ao longo dos últimos quarenta anos, duplicação entre diferentes bases de dados) e, em muitas bases de dados, faltam os recursos necessários à sua manutenção e desenvolvimento.

Por outro lado, as bases de dados também tendem a privilegiar as acções municipais: por exemplo, normalmente subestimam a importância das empresas ou dos sindicatos. Também pecam pela ausência de contexto, como descrições dos mecanismos, incentivos fiscais ou regulamentos utilizados inicialmente para fomentar um desenvolvimento urbano sustentável.

A nossa análise relativamente às bases de dados veio revelar que uma área-chave onde deverá ocorrer a próxima onda de inovação é no capítulo da distribuição e da divulgação. Há um elevado número de boas práticas que não estão à vista. As cidades

normalmente não contam bem a história do seu desenvolvimento, e quando o fazem, é com pouca imaginação. Na Quarta Parte, citamos o exemplo oposto de Montpellier - um exemplo raro de uma cidade que se projecta ao público, incluindo os seus visitantes. Essas estratégias de visibilidade poderiam, em nossa opinião, ser eficazes na angariação de apoio às amplas mudanças de estilo de vida que o desenvolvimento urbano sustentável vai exigir.

Há uma pergunta crucial: até que ponto as micro-inovações, tais como as que são descritas no presente relatório, são eficazes para mudar o macro-ambiente para um desenvolvimento sustentável? O que é que deverá acontecer primeiro: o pequeno projecto-piloto que dá inspiração, levando talvez a alterações mais alargadas por ser replicado e que, portanto, ao longo do tempo, poderá ajudar a mudar os incentivos e o regime regulamentar no sentido de um desenvolvimento sustentável? Ou deverão ser introduzidas primeiro alterações no macro-regime, que sirvam de base à realização de projectos-piloto? Não há acordo quanto à resposta. Mas de certeza que nenhuma cidade poderá viver em inovação contínua.

Mesmo assim, há muitas cidades cujo desempenho não está a ser aquilo que poderia ser; e bons exemplos isolados não significam que a cidade em geral seja inovadora. Há que encontrar mais métodos inovadores que produzam um efeito de cascata e transmitam a forma como as cidades com as melhores práticas funcionam, de modo a que a sua boa prática seja adoptada por aquelas que avançam mais lentamente. Neste aspecto, a Europa pode aprender com exemplos de outras zonas do globo - por exemplo, em domínios como o desenvolvimento de esquemas inovadores de financiamento nos EUA.

Por último, há que recordar que as inovações têm ciclos de vida. O processo de inovar através do sistema de cascata, seguindo as fases desde a mudança ao nível dos metaparadigmas, tem evoluído muito mais rapidamente e conseguido um alcance muito maior no domínio ambiental do que ao nível da sustentabilidade económica e social; no domínio da sustentabilidade cultural, mal começou. Assim, a prioridade deverá ser no sentido de encorajar os agentes activos a acelerarem o processo de inovação propriamente dito.

#### Grupo de investigação

*O presente relatório foi elaborado para a Fundação por Peter Hall e Charles Landry. Peter Hall é Professor de Planeamento na Bartlett School of Architecture and Planning, University College London, e Professor Emérito de Planeamento Urbano e Regional da Universidade da Califórnia em Berkeley. O resumo do relatório foi redigido para a Fundação por Charles Landry, director e fundador de “Comedia”, a principal empresa britânica de planeamento no domínio da cultura.*



# PUBLICAÇÕES

## PUBLICAÇÕES RELACIONADAS COM O TEMA

As publicações da Fundação estão à venda junto dos agentes oficiais de vendas da UE ou do Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias, L-2985 Luxemburgo. Nos casos em que não é indicado qualquer preço, o documento é gratuito e pode ser obtido mediante pedido à Fundação.

- 1. Redefining Concepts Challenges and Practices of Urban Sustainability**  
Nº de catálogo SX-07-97-830-EN-C  
28 Ecus
- 2. Towards an Economic Evaluation of Urban Innovative Projects**  
Nº de catálogo SX-07-97-062-EN-C  
20 Ecus
- 3. European Cities in Search of Sustainability - A Panorama of Urban Innovations in the European Union** (*disponível em inglês e francês*)  
Nº de catálogo SX-03-97-943-EN-C  
7 Ecus
- 4. Innovations for the Improvement of the Urban**

### Environment - A European Overview

Nº de catálogo SY-80-93-088-EN-C  
56 Ecus

- 5. Innovations for the Improvement of the Urban Environment - Austria - Finland - Sweden**  
Nº de catálogo SY-01-96-575-EN-C  
36,5 Ecus

### 6. Perceive - Conceive - Achieve The Sustainable City - A European Tetralogy

(*disponível em inglês e francês*)

- I. Urban Eco-auditing and Local Authorities in Europe  
Nº de catálogo SY-79-95-001-EN-C  
15 Ecus
- II. The SMEs and the Revitalization of the European Cities  
Nº de catálogo SY-79-95-002-EN-C  
20 Ecus
- III. Transport and Public Spaces: The Connective Tissue of the Sustainable City  
Nº de catálogo SY-79-95-004-EN-C  
20 Ecus

IV. Functionality, aesthetics and the desirability of the sustainable city  
Nº de catálogo SY-79-95-004-EN-C  
20 Ecus  
Volumes I a IV: 65 Ecus

- 7. What Future for the Urban Environment in Europe: Contribution to HABITAT II**  
Nº de catálogo SY-95-96-495-EN-C  
16,5 Ecus

## PARA MAIS INFORMAÇÕES

Para mais informações acerca deste projecto, favor contactar: Centro de Informações  
**Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho**, Wyattville Road, Loughlinstown, Co. Dublin, Irlanda.  
**Tel:** +353 1 2043 100  
**Fax:** +353 1 2826 456  
**Correio electrónico:** [postmaster@eurofound.ie](mailto:postmaster@eurofound.ie)

Copyright: Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho. É autorizada a reprodução excepto para fins comerciais desde que seja indicada a fonte e enviada uma cópia à Fundação.

**Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho**,  
Wyattville Road, Loughlinstown, Co. Dublin, Irlanda.  
**Tel:** +353 1 2043 100  
**Fax:** +353 1 2826 456/2824 209  
**Correio electrónico:** [postmaster@eurofound.ie](mailto:postmaster@eurofound.ie)  
EF/97/56/PT



SERVIÇO DAS PUBLICAÇÕES OFICIAIS  
DAS COMUNIDADES EUROPEIAS

